tura não é necessária... e infelizmente por esta bôca falam dezenas.

A miséria espiritual, «os analfabetos do espírito mil vezes mais perigosos e mais agressivos que os analfabetos da letra» como diz Vargas Vila, abundam, e andam nas altas esferas.

Não me esquecerei nunca de ter ouvido, numa recente exposição dum artista lisboeta, as *profundas* apreciações dum conhecidíssimo crítico e homem de letras que, perante um busto na realidade bem feito, e só bem feito, apenas dizia, acompanhando as palavras de ademanes muito súbtis: «que fino, que fino...» «depois disto não quero ver mais nada...» e, precisamente, estava olhando para o pior...

Críticos dos olhos, não procuram alma, e são êstes homens que guiam a opinião, que escrevem para os jornais e ousam orientar os novos.

As nossas escolas de Arte estão cheias de professores que, salvo um honroso número, teimam em impor a sua maneira esquecendo, por vezes propositadamente, que um mestre deve ser, acima de tudo, um orientador. A cultura anda por lá em estado de tísica galopante.

Os alunos nada sabem de história d'Arte e de Crítica d'Arte muito menos...

O meu *Habilidoso* é, como êle diz, Columbanesco e, como eu digo, columbaneiro... Para êle só existe Columbano e como Columbano foi e será sempre um grande, porque foi original — e isto não vê o meu *Habilidoso* — vá de o copiar, copiar às cegas e não procurar nessa pedra do templo da Arte o ponto onde deve apoiar a sua contribuïção, o degrau seguinte.

Mas isto é derivado de duas causas primordiais: a impotência criadora e a falta de cultura. O seu grande crime é não reconhecerem a sua inferioridade e quererem destruír o que, honestamente, os verdadeiramente artistas procuram criar.

A arte deve ser estudada como um fenómeno ético e social.

Ela acompanha sempre o homem na sua marcha através os séculos e reproduz-lhe a cultura, a vida, a civilização: A Arte é, melhor que tudo, o espelho duma época. Estudados assim os fenómenos das diferentes escolas artísticas, estas sobressaiem como necessárias e como um produto directo da civilização e da cultura.

A confusão, o mercantilismo da nossa época materialista, necessàriamente impeliria os homens do espírito para a simplicidade e, por reacção, para a singeleza da infância. E nada há mais simples, mais expontâneo do que um gesto de criança! Todos nós sentimos a aspiração, que é quási uma necessidade, dum viver tranqüilo, *duma ilha deserta*, de qualquer coisa enfim que nos afaste dêste palco onde vemos tanta violência, tanta imcompreensão, tanta maldade.

Ora é êste o fenómeno que hoje observamos. O artista inspira-se na sua infância e na da humanidade, procura novas formas de expressão; farto de intelectualizar, o artista procura antes o instincto, quere ser natural porque complicada já é a vida...

A inspiração bebida nos que estão longe pelo tempo é mais fecunda, a sua contribuïção vem peneirada por séculos de observação.

O tempo dos Columbanescos ainda vem longe, os quadros do mestre ainda estão quentes das suas mãos, ainda são, pode dizer-se actuais.

Por tudo isto eu digo ao meu *Habilidoso* e a todos os habilidosos: estudem, cultivem-se, procurem, pela cultura, compreender os fenómenos da nossa época. Estudem quanto mais não seja a história da Arte e verão que depois